

O DISCURSO JORNALÍSTICO E O ENGAJAMENTO ENTRE AS VOZES: UMA RELAÇÃO DE NEGOCIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE REPÓRTER E ENTREVISTADO

Alessandra Medianeira Ilha Nichele*
Sara Regina Scotta Cabral*

Resumo: Este trabalho tem por propósito verificar, como se realiza, sob a perspectiva da gramática sistêmico-funcional de Halliday (2004), mais especificamente no subgrupo da Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) - o *engajamento*-, através das marcas linguísticas de adesão ou de refutação do jornalista. Para tal procedimento, analisar-se-á a reportagem “Trabalho com a morte – O cotidiano de profissionais que lidam com os mortos”, retirado do *Caderno Mix*, do jornal Diário de Santa Maria, edição publicada em 2009. Desse modo, investigar-se-á como se apresenta o engajamento jornalístico em relação ao discurso dos participantes da entrevista, retextualizado pela voz autoral.

Palavras-chave: Gramática Funcional. Função Interpessoal. Avaliatividade. Engajamento. Reportagem.

Abstract: This work has the purpose of verifying, by the perspective of Systemic Functional Grammar of Halliday (2004), specifically in the subgroup of the Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005) - the *engagement*, as it is done by means of linguistic traces, accession or refutation of the journalist. For this procedure we will analyze the article "Trabalho com a morte – O cotidiano de profissionais que lidam com os mortos", retrieved from *Caderno Mix*, from Diário de Santa Maria newspaper, issue published in 2009. Thus, we will investigate how the journalistic engagement in relation to the discourse delivered by the participants of the interview, retextualized by the authorial voice, is presented.

Keywords: Functional Grammar. Interpersonal Function. Appraisal. Engagement. Article.

Introdução

“Não é uma questão de saudade. Ou pelo menos, numa primeira instância, não se trata apenas da saudade. Não se trata da falta que me faz nos lugares onde me habituei a ver-te, no lugar que guardei para ti dentro de mim. Não se trata da falta que me faz o teu rosto, os teus olhos sombrios, as tuas mãos quentes, as tuas palavras certas para os meus ouvidos incertos. Trata-se do peso esmagador da incerteza, da súbita ausência de um futuro que se vislumbra perante um inexplicável vazio...” (Site Lugar das Palavras).

* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria/RS, Brasil. nychele@hotmail.com.

* Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria/RS, Brasil. sarascotta@yahoo.com.br.

Para a linguística sistêmico-funcional, a linguagem tem como um de seus objetivos representar as experiências do mundo real. Essa abordagem teórica ancora-se, pois, na concepção de língua como sistema sócio-semiótico através do qual se constrói a experiência humana. Nesse sentido, os interlocutores de uma situação comunicativa são sujeitos dessa interação verbal e assumem diferentes papéis e categorias sociais/culturais de que são partes e das quais resultam suas escolhas linguísticas. Dessa forma, a perspectiva sistêmico-funcional tem como propósito central verificar como os falantes utilizam a língua escrita para se comunicarem, pois, conforme Cunha e Souza (2000, p. 20) “uma gramática funcional não é um conjunto de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significado.” Nesse contexto, a experiência humana pode ser compreendida como uma sucessão de eventos, ligados ao modo de sentir, ser, agir e ter, e essas relações podem ser traduzidas em linguagem verbal.

Todos os processos mencionados anteriormente, de um modo geral, são explicitados por meio de textos orais ou escritos, posto que é pela matéria linguística que os falantes de uma determinada língua exprimem sentimentos, comportamentos, avaliações e julgamentos sobre os fatos e acontecimentos do mundo. De acordo com o exposto, entendemos, segundo Cunha e Souza (2000, p. 24), retomando Halliday, que “a linguagem, o texto e o contexto, juntos, são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana” e, daí, sua funcionalidade. Sob a perspectiva hallidayana, a linguagem não se resume a um conjunto de regras e, tampouco, reduz-se a uma representação do pensamento humano, uma vez que adquiriu, com o desenvolvimento dos estudos teóricos da linguística, o estatuto de um sistema de construção de significados. Desse modo, a linguagem é considerada como o lugar de socialização, pois é por ela que interagimos com o outro. É nessa realização de papéis interativos, no diálogo entre indivíduos, que significados são construídos e reconstruídos.

Sob a luz desses pressupostos teóricos, a abordagem sistêmico-funcional apresenta, para os componentes funcionais da língua, três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual. Das três categorias mencionadas, destaca-se a interpessoal, visto que se relaciona aos papéis dos interlocutores nas situações comunicativas ao expressar o ponto de vista, a opinião, as atitudes em relação ao outro (interlocutores) e ao tema abordado. Conforme Neves (1997, p. 13), esta metafunção é “interacional e pessoal, constituindo um componente da linguagem que serve para organizar e expressar, tanto o mundo interno como o mundo externo do indivíduo”, além de propiciar a ramificação para o surgimento da Teoria da Avaliatividade.

Alinhado a tais referências, este trabalho tem como propósito analisar, sob a perspectiva sistêmico-funcional, o engajamento jornalístico em um exemplar do gênero

reportagem. Para tanto, investigar-se-á como se apresenta o discurso do jornalista e das vozes de autoridade entrevistadas diante de um tema complexo da esfera humana: a morte. Dessa forma, objetiva-se, além de trabalhar questões relacionadas à linguagem, envolvê-las em um paradigma cultural que possibilite a interação das relações sociais existentes nas mais diversas esferas do conhecimento humano.

A Teoria da Avaliatividade

A linguagem possibilita um número muito grande de recursos através dos quais a opinião pode ser expressa em termos de refutação, adesão, certeza ou dúvida. Por meio da metafunção interpessoal, podemos identificar o tipo de relação social que se estabelece entre os interlocutores em um determinado evento comunicativo, além de identificar as posições que o sujeito assume em relação ao que diz e aos fatos abordados. Dizendo de outro modo, essa função permite que o analista compreenda a forma como as *personae* foram construídas no texto e descreva a situação comunicativa, o dito e o não dito e a organização discursiva do texto. Dentro dessa abordagem teórica, surge, como ramificação da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004) mais especificamente, da metafunção interpessoal, a Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), que se ocupa de mostrar os usos que os falantes fazem da língua escrita, além de permitir que o leitor avalie discursivamente os textos em relação à linguagem, ao posicionamento do sujeito, através das atitudes frente a comportamentos e eventos. Diante disso, a Avaliatividade pode ser entendida como uma abordagem que busca identificar posições de valor, posto que está ligada intimamente às escolhas que cada indivíduo faz, de acordo com as intenções daquilo que deseja expor. Essa teoria sinaliza para fatores – atitude, engajamento, apreciação –, que marcam os textos e são importantes na leitura e na constituição de sentido.

A Avaliatividade é um dos recursos semânticos que constroem significados interpessoais, pois procura investigar e explorar o modo como os falantes usam a língua para avaliar e se posicionar em relação a um fenômeno ou processo, isto é, trata de como o autor/falante aprova ou desaprova, apoia ou abomina, aplaude ou critica um determinado evento ou objeto do mundo.

O subsistema do engajamento permite analisar as diferentes possibilidades de autoposicionamento nos textos. Ou seja, os recursos que o escritor/falante tem disponíveis para marcar sua posição na interação são encarados de forma atitudinal e não apenas como um

evento declarativo ou enunciativo. Isso faz com que sua preocupação principal seja o papel que esses significados de alinhamento ou de desalinhamento têm na negociação das opiniões, definidas como expressão de crenças e de valores. Um modo de avaliar essas posições enunciativas é recorrer à léxico-gramática, uma vez que os recursos linguísticos fornecem bases para a análise discursiva e podem expressar valores.

Os termos léxico-gramaticais, para White (2004, p. 184),

foram unificados com base na premissa de que todos eles são recursos que alteram o grau de engajamento do falante com suas propostas e proposições, e que modificam o que está em jogo em termos interpessoais, tanto em enunciados individuais quanto no texto como um todo. Esses recursos de perspectiva intersubjetiva são divididos em duas categorias- (a) recursos através dos quais a voz textual posiciona a proposição em curso em relação a alternativas reais ou potenciais (rotulados engajamento), e (b) recursos que criam gradações ou escalas (rotulados gradação), tanto em termos do grau de investimento pessoal da voz textual na proposição (intensificadores/ minimizadores), quanto em termos das escolhas que a voz textual faz em relação à precisão do foco de suas formulações (WHITE, 2004, p. 184).

A Contração e a Expansão Dialógica

O engajamento, cerne deste trabalho, é calcado em elementos pelos quais a voz autoral se posiciona, de forma atitudinal, em relação aos discursos de outros atores sociais envolvidos na interação linguística. Em tese, conforme a abordagem de Martin e White (2005), qualquer enunciado apresenta avaliação, uma vez que não há exposição verbal, seja ela oral ou escrita, sem índices de valoração, mesmo que modestos. Para os autores e também para Gonçalves (2009), através da heteroglossia ou heterogeneidade constitutiva do círculo bakhtiniano, pode-se avaliar em que medida falantes/escritores assumem suas proposições anteriores em seus enunciados, e de que modo esses sujeitos se engajam, demonstrando oposição, endosso ou neutralidade. Além disso, as noções que dizem respeito ao Círculo afirmam que toda a comunicação verbal é dialógica, posto que sempre se supõem as possíveis respostas dos falantes/ouvintes.

Martin e White (2005) referem-se ao ato de concordar/discordar em relação aos níveis de avaliação atitudinal e a convicções ou a suposições que os elementos linguísticos podem expressar. Nesse sentido, os autores acreditam que, ao produzir textos, o escritor não estaria somente emitindo sua opinião, mas também solicitando o apoio discursivo de outros sujeitos, os quais são convidados a compartilhar dos sentimentos, dos gostos ou das condutas por ele expressos. Nessa perspectiva, os recursos linguísticos podem ser empregados para alargar o diálogo com essas outras vozes ou para suprimir as possibilidades de opiniões. Essas

categorias retóricas são compreendidas, respectivamente, como expansão e contração dialógica.

Conforme White (2004, p. 194), “a diferença está no grau pelo qual um enunciado, por meio de uma ou mais palavras, levanta posições e vozes dialógicas alternativas (expansão dialógica), ou, ao contrário, age no sentido de desafiar, dispersar ou restringir o escopo dessas posições ou vozes (contração dialógica)”. Ao descrever de que modo os recursos linguísticos podem funcionar no estabelecimento de uma identidade, no que tange a um evento comunicativo, sabe-se que as avaliações positivas e negativas podem ser identificadas pelo contorno discursivo que o autor empresta a seu texto.

Nesse sentido, todo texto explicita os elementos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais, e o propósito autoral é que o seu discurso seja considerado crível pelo leitor, para que o prenda no foco enunciativo apresentado, uma vez que emitir uma opinião torna-se um ato de socialização. Dessa maneira, a voz do discurso espera que esse leitor compartilhe das suas propostas, por isso, ao abordar determinada temática, o escritor pode reconhecer mais de um ponto de vista válido, ou até recorrer a diversos deles, considerando todos como plausíveis.

Essa perspectiva de tolerância, conforme Martim e White (2005), é tratada como solidariedade presente nos textos, a qual busca demonstrar que não existe apenas uma opinião considerada como verdadeira, que as proposições podem se somar, aumentando a possibilidade de aceitação. No entanto, nem todo o escritor deseja se agregar a uma gama diversa de opiniões, tampouco filiar-se a mais de uma proposta discursiva. É nesse momento que o recurso de contração dialógica torna-se funcional em um discurso, através, por exemplo, do endosso.

Nessa perspectiva, endossar significa escolha e filiação a determinada posição, posto que esse mecanismo funciona para excluir qualquer alternativa de diálogo, senão a consentida pelo autor. O recurso de contração dialógica apresenta uma característica bastante relevante: recorrência da voz autoral a fontes externas. Nesse caso, o autor/escritor recorre a formulações externas que são apresentadas como corretas, inegáveis.

De acordo com Martin e White (2005), nessas construções são usados processos verbais (ou nominalizações correspondentes): mostrar, provar, demonstrar, achar e apontar. Por sua vez, Thompson e Hunston (1999) defendem que, lexicalmente, os itens que claramente revelam a avaliação do autor são adjetivos, advérbios, nomes e verbos e que essas escolhas estão relacionadas a fatores culturais e sociais de cada sujeito.

Ressalta-se que muitos dos recursos linguísticos são usados também para outros fins, como para descrever coisas, pessoas ou situações, mas, principalmente, cumprem a função de revelar a aprovação ou desaprovação por parte do escritor. Nesse sentido, expandir o diálogo ou contraí-lo são recursos linguísticos que funcionam para abarcar outras possibilidades de autoposicionamento e de propostas, ou para filiar, levar o discurso a um alinhamento com a posição de valor que está sendo apresentada.

A expansão dialógica é subcategorizada em:

(1) Considerar: abarca recursos através dos quais a voz autoral se posiciona de maneira não autoritária, isto é, de um modo que suas proposições sejam consideradas como uma alternativa discursiva entre outras. Essa tomada de atitude geralmente se dá por reconhecimento da existência de uma gama de outras opiniões ou pela suposição de uma divisão polêmica do fato abordado. Essa rede valorativa está associada aos fenômenos de *modalidade, de evidencialidade e certos tipos de perguntas retóricas*.

(2) Atribuir: diz respeito à concessão de uma proposição a fontes externas. Quando a voz autoral interna opta por esse recurso, há a subdivisão em *reconhecimento* – quando o escritor/falante age com neutralidade à proposta externa, e *distanciamento* - quando a voz autoral rejeita a alternativa dialógica, alargando as possibilidades enunciativas. Pertencem a esse domínio os verbos de elocução, adjuntos adverbiais conformativos e expressões como *dizem que, supostamente*.

A contração dialógica, por sua vez, divide-se em:

(1) Refutar: refere-se a formulações em que a voz autoral rejeita de todo ou altera a posição dialógica enunciada. Isso pode ocorrer com a invocação de algum enunciado anteriormente expresso no texto, delegando a esse o estatuto de verdade. Dessa forma, é possível rejeitar ou substituir uma proposição anterior. Trata-se, pois, de um recurso de contração máxima, uma vez que um dos enunciados será refutado. Esses mecanismos subdividem-se em negação e concessão/contra-expectativa.

(2) Declarar: a voz autoral apresenta uma proposição como confiável, altamente plausível, e, com essa atitude de valoração, opõe-se a uma outra proposta discursiva. Nesse grupo estão incluídas as categorias que limitam as alternativas dialógicas. Essa categoria está subdividida em *endossar, concordar, declarar/afirmar*.

O gênero reportagem

Na literatura jornalística clássica encontramos a dualidade entre fato e opinião, o que acarreta, por um lado, o uso de uma linguagem caracterizada pela objetividade e imparcialidade, e de outro lado, de subjetividade. O jornalista, ao escrever notícias, não deveria, pois, deixar transparecer juízos de valor com relação ao que narra para o seu público-

alvo. No entanto, partindo-se do pressuposto de que a língua materializa o discurso e que, por sua vez, é a materialização de uma ideologia, sabe-se que é muito difícil produzir um texto sem revelar, ainda que discretamente, valores, modos de ler e de interpretar o mundo.

Em se tratando do discurso midiático do jornal, sabe-se que, pelo advento dos meios eletrônicos e pelo imediatismo para obter a informação de um modo simples e rápido, o discurso jornalístico sofreu modificações. Conforme Faria e Zanchetta (2005, p. 35), “o estilo empolado e a redação fluida foram substituídos por uma linguagem mediana, possível de ser entendida por uma parcela maior da sociedade, sem se perder a informatividade”.

Beltrão (1992, *apud* DITTRICH, 2003) trabalha com as noções de jornalismo extensivo e intensivo. Para o referido autor, *extensivo* diz respeito à informação da notícia, sobretudo as transmitidas por meios audiovisuais. Essa classificação está atrelada ao tempo e ao ritmo pelo qual as informações são divulgadas. Em contrapartida, nomeia de *jornalismo intensivo* aquele que aborda os assuntos com um grau maior de reflexão e, por isso, as informações são mais completas, posto que a construção e a elaboração dos assuntos exigem uma disponibilidade de tempo mais substancial. Nesse tipo, em se tratando do discurso midiático do jornal, enquadra-se a reportagem, também considerada jornalismo informativo por Mello (1994). Ela é um gênero que permite maior criatividade a quem a escreve. No entanto, a sua relevância está, sobretudo, no que se refere à profundidade e à abrangência na abordagem dos temas trabalhados. Para Dittrich (2003), a reportagem privilegia a ênfase na informação, na interpretação e não se isenta de propor sua opinião através do ângulo de abordagem escolhido, dos fatos que merecem relevância e, em nível linguístico, das expressões que escolhe para estabelecer a referência.

Diferentemente da notícia, por exemplo, que é um texto marcado pela concretude e síntese, a reportagem indaga, descreve, explica, relata, interpreta e compara, por isso é considerada um gênero híbrido, característica relevante em se tratando da composição do texto. Nesse sentido, constitui um discurso que envolve caráter de pesquisa ampliada sobre determinado acontecimento, com detalhamento e contextualização da temática desenvolvida. De acordo com Faria e Zanchetta (2005, p. 48), “a reportagem com maior fôlego tem espaço em jornais diários, mas em menor volume. São mais frequentes em cadernos especiais e nas edições de fim de semana, quando são comuns os textos que tratam de problemas amplos, crônicos ou complexos do cotidiano”. Ainda em conformidade com Faria e Zanchetta (2005), a reportagem se aproxima dos assuntos complexos da esfera humana, enfatiza o aspecto social do evento comunicativo e por isso ganha contorno especial entre os gêneros jornalísticos. Os autores citam como características da constituição deste gênero os seguintes aspectos, dentre

outros: causa e efeito do que aconteceu; detalhamento do fato; soma de versões; engendramento de informações; indícios claros de personalização; narrativa com inquérito e entrevista; retrato a partir de ângulo pessoal.

A reportagem é um dos gêneros mais representativos do jornalismo moderno (DITTRICH, 2003); posto que realiza muito mais que um trabalho de informar e noticiar; ela ultrapassa a mera apresentação dos fatos. Além disso, os assuntos normalmente se relacionam com temáticas de cunho complexo, daí tamanha importância e destaque do gênero. Cabe ressaltar que, por todas as características mencionadas, a reportagem privilegia o leitor que, por sua vez, recebe um texto que se propõe a facilitar a compreensão através dos recursos de contextualização, de linguagem simples, de assuntos interessantes e também pela hibridação com os demais gêneros jornalísticos segundo um ângulo escolhido pelo jornalista que investiga.

O significado do trabalho de quem lida com os mortos

De acordo com estudos de Souza e Boemer (1998), os trabalhadores que fazem intervenções nos restos mortais humanos, como agentes funerários, tratam a profissão como “normal”, semelhante às outras. Esse dado deve-se ao trabalho teórico-metodológico da fenomenologia, a qual afirma que só é possível avaliar um fenômeno social através dos discursos dos sujeitos, posto que a construção das falas está intimamente ligada às vivências e às experiências de cada indivíduo. Para tanto, os referidos estudiosos ancoram-se em uma entrevista com trabalhadores do ramo, que aponta resultados relevantes. Primeiramente, a partir dos relatos dos trabalhadores, as autoras constataram que, apesar de a profissão ser considerada por muitos funcionários como “normal”, há o reconhecimento do desconforto e do constrangimento gerado pelo seu trabalho às pessoas enlutadas e à sociedade de um modo geral.

Conforme Dittmar (1991), os donos e os agentes funerários percebem a natureza da rejeição social impregnada no seu trabalho por meio de manifestações das pessoas, como espanto, desinteresse ou brincadeiras quanto ao serviço. Nessa perspectiva, um artifício usado para tratar da profissão com normalidade foi compará-la a outras socialmente valorizadas, que implicam alto grau de responsabilidade, como bombeiro, enfermeira e motorista. Os trabalhadores não negam que a atuação profissional se dá diante do sofrimento e do luto e atribuem a isso a falta de prestígio pelos serviços prestados. Nessa mesma perspectiva, há a

constatação de que, quando o trabalho se faz necessário com corpos humanos afetados em sua integridade física e com crianças, a função torna-se muito penosa, evidenciando um sofrimento mental do agente funerário, que sente a necessidade de acostumar-se à rotina da funerária. Ainda nesse estudo, há a confirmação de que esses profissionais sofrem um desgaste físico e psicológico muito intenso, manifestado em forma de estresse, às vezes acompanhado de desdobramentos como sudorese, tremores e palidez, entre outros sintomas.

Dittmar (1991) também estende tal sentimento de grande lamentação a sepultadores que se entristecem junto com os familiares, especialmente quando o morto é uma criança, o que os leva a chorar junto à família que sofre a perda do ente querido. Isso deve-se à concepção de vida que se tem, uma vez que se considera que a morte é natural para aqueles que já usufruíram da vida com amplitude cronológica, com capacidade de produção e consumo.

Boemer e Saloum (1999) tratam da morte no contexto hospitalar com foco voltado aos profissionais que estão diuturnamente frente à perda. Esse estudo também foi conduzido conforme a metodologia de investigação fenomenológica, isto é, os autores realizaram a pesquisa por meio de depoimentos cedidos por uma equipe de reanimação cardíaca de um hospital público. Os entrevistados foram um enfermeiro, um médico e um anestesista, os quais relataram suas experiências diante do sucesso/insucesso da rotina de trabalho.

Pela investigação com esses sujeitos, as autoras constataram que os profissionais reconhecem o trabalho que exercem sob uma perspectiva funcionalista, ou seja, cada membro da equipe deve atentar à função que lhe cabe, realizando a intervenção de socorro o mais depressa possível, uma vez que o tempo é fator determinante para o sucesso da equipe. As entrevistas revelam também que o desgaste emocional e físico é muito grande, uma vez que o trabalho oscila entre onipotência e impotência. Diante da perda iminente de pacientes, os profissionais utilizam alguns mecanismos de defesa como, por exemplo, a despersonalização do doente, que se constitui em tratar o paciente com certa distância emocional, estratégia usada para diminuir o sofrimento e o estresse frente à morte.

Para Kübler-Ross (1997, p. 14), “é inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. A morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho”.

Por fim, os discursos desses profissionais envolvidos com a morte demonstram que o trabalho que realizam requer um enfrentamento diário contra o sentimento de dor e fracasso, quando o procedimento de reanimação não surte o resultado positivo. No entanto, reiteram

que, com o passar do tempo e com experiência adquirida, acabam se acostumando com o fato de lidar com a morte iminente, vendo-a como um processo normal no cotidiano das equipes em hospitais. Nessa perspectiva, Boemer e Saloum (1999) ressaltam em seus estudos a relevância e a necessidade de humanizar o trabalho dos profissionais da saúde, introduzindo nos currículos acadêmicos disciplinas que os preparem para lidar com situações de conflito e também para assegurar o paciente no processo doloroso de vida e de morte.

Metodologia

Com o objetivo de analisar como se dá a relação das vozes enunciativas por meio do campo de interação *engajamento*, selecionamos a reportagem do *Caderno Mix*, que se enquadra no gênero Reportagem Especial, intitulada “Trabalho com a morte – o cotidiano de profissionais que lidam com a morte” e escrita por Bruna Porciúncula, no jornal Diário de Santa Maria, em 1º de novembro de 2009, cujo tema é o relato de experiências de profissionais que trabalham com mortos. Inicialmente, tendo em vista a extensão da reportagem, foram selecionados os fragmentos que contextualizam o tema abordado, oferecendo um panorama rico no que se refere ao discurso da jornalista. Em um segundo momento, coletou-se o discurso dos entrevistados, retextualizado pela jornalista, quando tratam das suas experiências profissionais e pessoais em relação à morte. A seguir, foram separadas todas as ocorrências de engajamento nos excertos selecionados. Por último, os achados foram categorizados em contração e expansão dialógica, a fim de identificar como a jornalista aceita ou refuta o discurso dos profissionais que participaram dessa entrevista.

Panorama e análise do engajamento jornalístico da reportagem-corpus “Trabalho com a morte – o cotidiano de profissionais que lidam com os mortos”

Este trabalho tem como *corpus* de análise uma reportagem. Esse texto faz parte de um jornal de circulação diária que traz todos os fins de semana uma reportagem especial em um espaço intitulado *Caderno Mix*. A reportagem selecionada refere-se ao Dia de Finados, de novembro de 2009, intitulada “Trabalho com a morte – o cotidiano de profissionais que lidam com a morte”. O caderno que apresentou essa reportagem trouxe como capa a obra “Aula de Anatomia do Dr. Tulp”, criada por Rembrandt em 1632, na Holanda. Esse recurso imagético tem por propósito evidenciar as potencialidades de significação da reportagem, além de servir

como um recurso extremamente relevante para despertar o interesse do leitor pelo texto. Conforme Hinerasky et al (2008), a mídia constrói estratégias para fazer veicular seus discursos e, em se tratando de seduzir o público-alvo, as imagens são comumente usadas no jornalismo, pois produzem significações e sentidos à matéria linguística apresentada.

Ainda na capa da reportagem, encontra-se o título “Trabalho com a morte” em letras maiúsculas, em cor branca, movimentando o contraste de cores, uma vez que a imagem da obra de Rembrandt se apresenta nas cores preta e vermelha. Cabe ressaltar que essas últimas duas cores mencionadas referem-se diretamente ao evento da reportagem. O preto, por sua vez, representa o luto, a tristeza frente à situação de perda/morte, enquanto o vermelho lembra o sangue, elemento fundamental da composição fisiológica humana.

Outro dado importante são os títulos escolhidos para a composição da reportagem. Além do principal, apresentado na capa, há mais três no desenvolvimento do texto que são bastante instigadores: “Entre os mortos para sobreviver”, “A morte a serviço da ciência”, “Do pó vieste, ao pó voltarás”. Cada título compõe uma parte da reportagem, que se apresenta em quatro páginas do *Caderno Mix*.

Quanto à estrutura ou corpo da reportagem, convém frisar que essa também deve começar de um modo que estimule o leitor a permanecer voltado ao assunto. Para alcançar esse objetivo, a jornalista dessa reportagem, Bruna Porciúncula, fez uso da voz de três profissionais que trabalham em ramos diretamente ligados à morte, utilizando o depoimento dos entrevistados. Além de os blocos de reportagem serem pequenos, as entrevistas atraem o público-alvo, pois é de interesse geral saber, por exemplo, o que pensa/relata sobre a morte um coveiro, um dono de funerária e um técnico em necropsia.

Na reportagem “Trabalho com a morte”, primeiramente, há um panorama sobre o tema morte, no qual encontram-se expressões léxico-gramaticais de caráter conotativo para particularizar a morte de um modo subjetivo: “senhora do destino de todos”; “irrevogável”; “intransferível”; “inevitável”; “ganha-pão”; “dita-cuja”, expressões que emitem, através da voz textual, atributos à morte, tema dessa reportagem. Em um segundo momento, a jornalista entrevista três profissionais que trabalham nesse ramo, maneira utilizada para relatar o cotidiano e as experiências dos profissionais que trabalham no ofício.

Na perspectiva de análise deste trabalho, o que se busca destacar são as expressões léxico-gramaticais que evidenciam a adesão ou refutação da jornalista em relação ao discurso dos entrevistados. Sob a perspectiva funcionalista, esses caracterizadores podem ser classificados como significantes atitudinais da aprovação ou da rejeição à voz emitida pelos entrevistados, uma vez que demonstram o quanto o autor está envolvido com as pessoas ou

objetos mencionados no discurso. Ao referir-se aos indivíduos entrevistados nessa reportagem, pode-se evidenciar que a jornalista se engaja ao discurso desses sujeitos, pois concorda com o posicionamento de que é difícil aceitar a morte com naturalidade. A entrevistadora não se apresenta como alguém afastado das emoções que o entrevistado sente, pois ela adere ao que discorre o participante da entrevista.

Pode-se identificar também a parcialidade da autora pelo uso dos advérbios *às vezes* e *talvez* e dos verbos *diz* e *conta*, através dos quais demonstra que não se responsabiliza pelos enunciados, apenas funciona como alguém que relata o que o outro disse. Quando a voz autoral não endossa o discurso, ela torna-se neutra, o que pode ser encarado como um recurso de atenuamento, que permite à jornalista um posicionamento democrático diante do público-leitor.

Esse recurso permite uma expansão dialógica de *reconhecimento* – quando a voz autoral não se posiciona em relação à proposição, mas também não a classifica com desaprovação.

“... encarar esses profissionais, *às vezes*...”; “... A morte é companheira de labuta e, *talvez* por isso, não assuste...”; “...*diz* Daniel...”; “... Daniel *conta* que as salas em que estão os cadáveres são as mais requisitadas...”

Em contrapartida, o que se encontra em grande escala são as expressões que enfatizam a concordância explícita da jornalista em relação ao diálogo projetado pelos entrevistados, pois há um alto grau de alinhamento entre esses interlocutores. Trata-se, aqui, do recurso de contração dialógica, posto que a voz autoral rejeita outras possíveis opiniões ao validar e ao tornar como inegáveis as vozes entrevistadas. Pode-se fundamentar essa análise pelos verbos *conhece*, *sabe*, *avalia*, *explica*, *corrige*, *adianta*, *simplifica*, *revela*, que mostram a força argumentativa que a autora reporta às vozes entrevistadas, consideradas como conhecedoras do assunto.

“... Rogério Knackfuss *conhece* bem...”; “... Rogério *sabe*...”; “... *avalia* Rogério...”; “... Forgiatto *explica*...”; “... Fontana Forgiatto, não faz rodeios para avaliar a profissão. Primeiro ele *corrige*; depois *adianta*...”; “... Completo meu tempo, termino minha pena aqui, aí vou – *simplifica*...”; “... Forgiatto ainda não se acostumou a sepultar crianças, *revela*...”

Outro recurso importante que a jornalista utiliza para validar o discurso dos entrevistados como verdadeiro é o uso de advérbios intensificadores: *invariavelmente*, *demais*, *bem*, *mais*. Esse mecanismo linguístico redobra o discurso de força argumentativa, pois amplia a verdade dos argumentos, além de demonstrar a aceitabilidade da jornalista.

“... *invariavelmente* vira alvo de curiosidade alheia...”; “... daqueles que enxergam a morte como algo complexo *demais*...”; “... Rogério Knackfuss conhece *bem*...”; “... Daniel conta que as salas em que estão os cadáveres são as *mais* requisitadas...”.

As escolhas linguísticas permitem comprovar que a jornalista transmite sua aceitabilidade, isto é, explicita seu engajamento em relação ao discurso experiencial dos participantes. A voz autoral se filia e sobretudo reconhece que o trabalho relacionado com a finitude humana é algo que exige conhecimento e que esse ofício é um desafio difícil para quem o pratica. Nessa perspectiva, toma responsabilidade pelas proposições dos participantes sobretudo pelas escolhas linguísticas de que faz uso para transmitir o discurso relatado, as quais demonstram mecanismos de engendramento e de envolvimento interpessoal.

Considerações finais

Este artigo teve por propósito analisar como o discurso jornalístico utiliza os recursos linguísticos para expressar aceitabilidade ou refutação em um evento de interação linguística. Os resultados mostram que a voz autoral reporta sua opinião por meio de expressões lexicais que evidenciam força argumentativa, usando em poucos casos elementos que denotaram neutralidade. Por meio da *reportagem*, gênero jornalístico que objetiva abordar temas complexos da esfera humana, foi possível constatar que a linguagem se manifesta como sistema sócio-semiótico que permite valorar sentidos não só através do uso de elementos linguísticos, mas também pelo contexto social.

Desse modo, a abordagem de Martin e White (2005), além de atentar para as concepções linguísticas que movimentam os discursos, também funciona e interage no estabelecimento da identidade e da relação intersubjetiva entre os participantes de um evento comunicativo. Assim, através da linguagem e dos papéis sociais, é possível a construção da identidade dos sujeitos, demonstrando a distância ou o envolvimento dos interlocutores em um evento comunicativo.

Referências

- BAHIA, J. *As técnicas do jornalismo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BOEMER, M. R.; SALOUM, N.H. A morte no contexto hospitalar – as equipes de reanimação cardíaca. *Revista Latino-Americano de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, dez. 1999. p.109-119.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. *A transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DITTMAR, W. H. *Um estudo sobre a prevalência de distúrbios psiquiátricos entre sepultadores de serviço funerário do município de São Paulo*. 1991. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 1991.
- DITTRICH, I. J. *Linguística e jornalismo: dos sentidos à argumentação*. Cascavel: Edunioeste, 2003.
- FARIA, M. A.; ZANCHETTA, J. *Para ler e fazer o jornal na escola*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GONÇALVES, P. R. *Modalidade e engajamento em editoriais da imprensa paulistana de bairro*. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 13. 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. p. 2115-2127.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3d ed. London: Hodder Education, 2004.
- HINERASKY, D. et al. *Estudos das mídias: da produção ao consumo*. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2008.
- KÜBLER-ROSS, E. *A morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.
- MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SOUZA, K. C.; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. In: *Revista Saúde e Sociedade*. Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 27-52. jan.-jul. 1998.
- THOMPSON, G.; HUNSTON, S. Evaluation: an introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- WHITE, P. Valoração – A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. In: *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, n. esp., 2004. p. 178-205.

Anexo

Reportagem “Trabalho com a morte – o cotidiano de profissionais que lidam com os mortos”

Entre os mortos, para sobreviver

Bruna Porciúncula

bruna.porciuncula@dialiosm.com.br

Senhora do destino de todos, a morte não é lá uma figura que todos querem topar no dia-a-dia. Irrevogável, intransferível e inevitável, ela permeia o imaginário humano desde que o mundo é mundo. É fonte inesgotável de inspiração para artistas – como Rembrandt, que empresta a beleza de sua obra *Aula de Anatomia do Dr. Tulp* a essas páginas. Desafia a ciência e alimenta as religiões, que não raro se apoiam no temor coletivo que a humanidade reverencia a ela para angariar seus fiéis.

Mas a morte também é ganha-pão. E não se trata aqui de pistoleiros, matadores de aluguel ou senhores de guerra, mas de profissionais que, por força do ofício, têm de tirar o sustento trabalhando com ela. Às vésperas do Dia de Finados, o *MIX* foi atrás de alguns desses trabalhadores, que, no cotidiano profissional, convivem de pertinho com a finitude dos homens para saber como encaram a dita cuja e por que resolveram apostar numa carreira em que os mortos são a matéria-prima,

Quem entra no ramo funerário ou em alguma atividade que exige o contato direto com a morte invariavelmente vira alvo da curiosidade alheia e daqueles que ainda enxergam a morte como um tabu, algo complexo demais para ser tratado com naturalidade e misterioso a ponto de exigir distanciamento. A psicologia explica a atitude, por vezes indiscreta, das pessoas frente a esses profissionais por meio de uma série de fatores que ajudaram a lapidar a maneira como encaramos a morte, a começar pelo instinto de sobrevivência que nos concede o medo de bater as botas diante de uma situação de risco.

À exceção de algumas culturas, também levamos uma vida sem reflexões acerca da nossa finitude, que fica relegada à lista de assuntos que se deve evitar, por mais inevitável que seja. Então, encarar esses profissionais, às vezes, nos faz lembrar daquilo que vivemos tentando esquecer: somos mortais.

– Quando falam “sou legista” ou “sou coveiro”, logo as pessoas lembram da morte, associam esses profissionais a nossa finitude, algo que não aprendemos a tratar com naturalidade e tentamos deixar bem longe – diz o psicólogo Felipe Schroeder de Oliveira, coordenador adjunto do curso de psicologia da Unifra e estudioso da psicologia existencial humanista.

A necessidade ensina a encarar o negócio

O técnico agrícola Rogério Knackfuss, há 20 anos no ramo funerário, conhece bem essas manifestações de temor das pessoas. Vê isso na porta de seu trabalho. Quando passam por ali, uns fazem sinal da cruz, outros atravessam a rua para não passar na calçada da funerária. Contratar funcionários também não é algo muito fácil porque nem todo mundo encara a morte com a mesma naturalidade que ele.

Rogério sabe que o desafio não é fácil. Ele mesmo precisou de ajuda espiritual para se manter no negócio. Antes de ter a própria funerária, trabalhou em outra empresa, onde pintou caixões e fez um curso para tanatólogo e passou a trabalhar direto com os defuntos. A tanatoplaxia é uma técnica de higienização de cadáveres em que se aplica nos corpos uma substância à base de formol para manter uma aparência mais agradável para o velório. Rogério ficou cara a cara com a morte, literalmente. Ai, foi inevitável não saber as histórias de vida daqueles que, mortos, estavam em suas mãos.

– Há morte de tudo que é tipo. Eu comecei a ficar em pânico, com medo mesmo. Quando viajava, ficava com medo de acidente. Eu acabei levando para a minha vida, a história dessas pessoas. Busquei ajuda espiritual e, hoje, entendo que a morte está no ar e que, para morrer, basta estar vivo – avalia Rogério, que pretende seguir no ramo para o resto da vida.

Do pó vieste, ao pó voltarás

Na porta do Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria, seu João Fernandes Fontana Forgiatto, 58 anos, não faz rodeios para avaliar a profissão que decidiu seguir há 32 anos. Primeiro, ele corrigi:

– Não sou coveiro, sou pedreiro de cemitério. Lido com morto há anos!

Depois adianta:

– E estou estudando Direito.

Ao lado do colega Antão Pedroso da Rosa, 55, Forgiatto explica que "caiu no cemitério" por necessidade e até tomou gosto pelo ofício. Faz enterros, exumações, limpa túmulos com a mesma naturalidade que um médico prescreve um medicamento. A morte é companheira de labuta e, talvez por isso, não assuste o senhor de passo rápido e respostas imediatas.

– Mas vou ter medo do quê? A morte é um exemplo para a vida. Completo meu tempo, termino minha pena aqui, aí vou. Não tem choro – simplifica Forgiatto, que já tocou até gaita num sepultamento, a pedido da família do morto.

A atitude quase sarcástica frente ao inevitável, diz o pedreiro, não vem do dia-a-dia no cemitério, mas da criação que recebeu em casa. Ele sempre encarou a morte como parte de um ciclo a ser cumprido pelos seres humanos. Por isso, não é a morte em si que o sensibiliza, mas a quebra de um caminho natural da vida. Mesmo com tantos anos entre as sepulturas e tendo acompanhado inúmeros enterros, Forgiatto ainda não se acostumou a sepultar crianças, tampouco casais jovens. Ele faz, mas porque não tem saída.

- A gente sente sim, mas tem de matar no peito – revela.

Um ofício à espera da gratidão dos vivos

Esse "dom" de conter as emoções num ambiente tão hostil à discrição dos sentimentos confere um equivocado rótulo de insensíveis aos pedreiros de cemitério. Eles tratam, sim, a morte com mais naturalidade do que os outros mortais, mas não significa que não sintam as dores da perda. O cotidiano da função que exercem também reserva momentos de reflexão sobre o tema.

– As palavras, às vezes, tocam a gene – diz Antão Pedroso da Rosa, referindo-se às mensagens ditas quando se encomenda o corpo, antes do sepultamento.

Nem corpos em decomposição, nem caixões, nem o trabalho por vezes solitário entre os jazigos. O que incomoda mesmo os pedreiros de cemitério é o comportamento dos vivos. Eles reclamam com veemência da falta de consideração pelo trabalho que fazem pelos mortos. Antão lamenta que, em 22 anos trabalhando em cemitérios, tenha de contar nos dedos as vezes que recebeu um obrigado pelo serviço que presta. Como ocorre com outros profissionais que lidam com os mortos, eles enfrentam o preconceito de quem os associa à morte. O bom nesse ofício ingrato é que eles aprendem que, ao final das contas, ninguém é melhor que ninguém.

A morte a serviço da ciência

Nos corredores sombrios do Departamento de Morfologia da UFSM, os técnicos em anatomia e necropsia carregam, de um lado para outro, cadáveres e partes do corpo humano que servem para estudos e pesquisas de vários cursos da instituição.

Há seis anos nessa função – mórbida para a maioria dos olhares –, Daniel Prato Schmidt, 27 anos, não perde muito tempo pensando na finitude do corpo nem procurando teorias que compro vem a vida eterna. O dia-a-dia ao lado de cadáveres só reforçou convicções antigas.

– O corpo humano é uma grande máquina, mas somos frágeis. Me espelho neles (nos cadáveres) para saber que eu também vou ter o mesmo fim e que eu preciso viver da melhor maneira possível - diz Daniel, adiantando que o "mesmo fim" não é uma mera força de expressão, já que pretende deixar seu corpo à disposição das pesquisas acadêmicas.

Veterinário por formação e um apaixonado pela anatomia, tanto a humana quanto a animal, o técnico tenta manter uma distância salutar do histórico dos corpos que trabalha, mas, em algumas vezes, ele fica sabendo de um ou outro detalhe da vida da pessoa. O jeito é abstrair e tratar os cadáveres com o respeito que merecem.

– Eu encaro isso como um trabalho, mas não permito desrespeito, piadinhas ou algo assim quanto aos mortos. Foram pessoas, que tiveram uma vida – diz Daniel.

Todo mundo teme a morte, mas seria hipocrisia negar que ela exerce um certo fascínio. Prova disso é a presença constante de pessoas querendo conhecer o Departamento de Morfologia da UFSM. As visitas não são permitidas, a não ser em programas especiais em que a universidade abre as portas para a comunidade. Daniel conta que as salas em que estão os cadáveres sempre estão entre as mais requisitadas. O psicólogo Felipe Schroeder de Oliveira explica que essa funesta curiosidade pode ser justificada pelo natural desejo do ser humano de prever e entender o próprio fim. Toda essa ânsia, diz Schroeder, é resultado do nosso hábito de mitificar a morte:

– Se não tivéssemos uma cultura de esconder a morte, não haveria essa curiosidade